

“A CARTOMANTE” DE MACHADO DE ASSIS: UMA LEITURA INTERDISCIPLINAR

Teresinha V. Zimbrão da Silva (UFJF)

RESUMO: Nesse artigo, trabalharemos com duas áreas de conhecimento, Literatura e Psicologia Junguiana. Nossa proposta é interdisciplinar: pretendemos analisar o conto intitulado A Cartomante, do grande escritor brasileiro Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908), do ponto de vista da Psicologia de Carl Gustav Jung (1875-1961). Nosso principal objetivo é chamar a atenção dos pesquisadores das áreas de Literatura e Psicologia Junguiana para a importância dos estudos que consideram essas duas áreas de conhecimento. Por meio desse artigo, esperamos estar divulgando a Crítica Literária Junguiana dentro dos estudos literários brasileiros.

Palavras-chave: Machado de Assis. Literatura psicológica. Psicologia junguiana.

ABSTRACT: In this article, we shall work with two areas of knowledge, Literature and Jungian Psychology. Our proposal is interdisciplinary: we intend to analyze a short story entitled A Cartomante, by the great Brazilian writer Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908), from the point of view of the Psychology of Carl Gustav Jung (1875-1961). Our main intention is to call the attention of the researches in the areas of Literature and Jungian Psychology to the importance of the studies considering those two areas of knowledge. By means of this article, we expect to be divulging Jungian Literary Criticism in Brazilian Literary Studies.

Keywords: Machado de Assis. Psychological literature. Jungian psychology.

INTRODUÇÃO

“É certo e até mesmo evidente que a psicologia, ciência dos processos anímicos, pode relacionar-se com o campo da literatura.”

Carl Gustav Jung.

Este trabalho é parte integrante de um projeto que tem uma proposta interdisciplinar: contribuir para a análise de obras literárias à luz da psicologia junguiana.

As relações entre literatura e psicologia são discutidas por Jung em um conjunto de ensaios publicados em português sob o título, **O Espírito na arte e na ciência** (JUNG, 1985). Nesses ensaios, Jung defende a interdisciplinaridade entre as duas áreas de conhecimento, espaço onde pretendemos nos situar.

Jung diferencia então dois procedimentos distintos na criação da obra literária: o visionário e o psicológico. No primeiro, há presença predominante de conteúdos desconhecidos que parecem provir das profundezas do inconsciente, já, no segundo, estão presentes conteúdos que a consciência conhece ou pode pressentir. Considerando esta diferenciação, Nise da Silveira assim definiu a obra machadiana: “Na literatura brasileira vamos encontrar excelentes exemplos de obras psicológicas nos romances e contos de Machado de Assis”. (SILVEIRA, 1977, p. 139)

Para Jung, é a obra visionária e não a psicológica que mais oferece possibilidades de interpretação ao psicólogo. Na obra psicológica, o autor antecipa a psicologia particular de seus personagens, sobra ao psicólogo pouco a acrescentar que o autor já não o tenha dito e muito melhor. Jung exemplifica: “O assim chamado romance psicológico [...] tem por assim dizer sua própria psicologia, que o psicólogo poderia, no máximo, completar ou criticar”. (JUNG, 1985, v. XV, §136)¹.

Apesar de Jung desencorajar então o estudo de obras psicológicas, esse trabalho pretende mostrar que a psicologia junguiana pode acrescentar muito à leitura de Machado de Assis. *O Bruxo do Cosme Velho* é um autor conhecido pela produção de obras abertas à espera de um leitor para as completar. Em Machado de Assis, tudo está implícito, incluindo a própria psicologia. Pois é nossa pretensão explicitar, em termos junguianos, a psicologia machadiana no conto, “A Cartomante”. (ASSIS, 1997)

Por fim, importa acrescentar, que este trabalho não é da autoria do psicólogo, mas do crítico literário que está tentando se apropriar de conceitos da psicologia de Jung para a leitura de Machado de Assis.

A CARTOMANTE

“Vilela, Camilo e Rita, três nomes, uma aventura e nenhuma explicação das origens. Vamos a ela. “

Machado de Assis

¹ Nota explicativa da autora: É convencional internacionalmente se fazer referências dentro das obras coligidas de Jung em parágrafos e não páginas, pois, independentemente da edição ou idioma, facilita a localização do texto citado.

Rita é uma provinciana de trinta anos casada com o advogado Vilela, de vinte e nove, cujo porte grave o faz parecer mais velho que a mulher. Rita apaixonou-se por Camilo, de vinte e quatro anos, amigo de infância do marido. O adultério se consuma e é descoberto. Camilo passa a receber cartas anônimas ameaçadoras e começa a rarear as visitas à casa de Vilela, mantendo com redobrado cuidado os encontros com Rita em uma casa no subúrbio. Rita, insegura, decide consultar uma cartomante sobre a causa dos cuidados de Camilo e a cartomante restitui-lhe a confiança de que o rapaz a ama. As cartas e os encontros continuam até receber Camilo um bilhete de Vilela: “Venha já, já, à nossa casa” (ASSIS, 1997, p. 480). É a vez de Camilo, inseguro, consultar a cartomante que lhe assegura não haver perigo nem para ele, nem para ela, pois o terceiro ignora tudo. Camilo, confiante, decide ir à casa do amigo. Lá, Vilela o abate a tiros, mas antes, Camilo tem tempo de ver o cadáver ensangüentado de Rita.

Trata-se da psicologia do adultério na sua versão machadiana. O estudo das motivações internas dos personagens é uma especialidade do escritor. Em breves linhas, Machado nos informa que Camilo não desenvolveu boas relações com o pai, viveu sob forte influência da mãe, tornando-se um adulto por demais dependente: “Camilo entrou no funcionalismo, contra a vontade do pai, que queria vê-lo médico; mas o pai morreu, e Camilo preferiu não ser nada, até que a mãe lhe arranhou um emprego público.” (ASSIS, 1997, p. 478).

Camilo parece sintetizar o que a psicologia definiria como um complexo materno (conteúdo do inconsciente pessoal) não resolvido. O desenvolvimento do ego foi perturbado - supomos - por um excesso de presença materna de um lado, e ausência paterna de outro (situação comum na família patriarcal do Brasil oitocentista, agravada, no caso, pela morte do pai). Camilo não teria recebido a ajuda do pai para sair do mundo da mãe, sem o incentivo paterno, seu ego permaneceu dependente da influência materna.

O desenvolvimento do ego pode ser comparado ao mito do herói. A primeira batalha a ser ganha é contra o complexo materno. O ego-herói precisa lutar e libertar-se do desejo de permanecer no mundo paradisíaco da infância. Se ele vence, sai fortalecido, se perde, sai fragilizado. No caso de Camilo, o ego parece ter perdido esta primeira batalha.

Segundo a junguiana Marie-Louise Franz (1977), um complexo materno não resolvido, no homem, pode causar dificuldades no seu relacionamento com a *anima* (conteúdo do inconsciente coletivo). Para definirmos este conceito

junguiano, recorreremos ao auxílio de Franz: “*Anima* é a personificação de todas as tendências psicológicas femininas na psique do homem.” (1977, p. 177)

Por “tendências psicológicas femininas”, entenda-se as características que são tipicamente identificadas como femininas na cultura a que pertença este homem. Estas características constituem o que o homem desconhece nele mesmo. Se o que ele, em geral, conhece e desenvolve é seu ego masculino, o que desconhece e resta desenvolver é sua *anima*, seu lado feminino. E é muito importante que ele a reconheça e desenvolva porque é este seu lado feminino o responsável pelo *relacionamento com o inconsciente*. A *anima* representa, no homem, a sua voz interior.

Como todo conteúdo inconsciente, a *anima* se torna consciente quando projetada no mundo externo. Podemos então olhar, e como num espelho, vermos a nós mesmos. A dificuldade está em reconhecer que as características que estamos vendo no outro são na verdade nossas. Se o homem consegue vencer esta dificuldade e passa a projetar adequadamente a sua *anima*, esta exercerá a sua função de guia no relacionamento com o inconsciente.

A *anima* é geralmente projetada em mulheres. A primeira mulher a receber esta projeção é a mãe. Uma demora na retirada desta projeção indica a uma má resolução do complexo materno. A mãe segura a *anima* do filho numa relação infantil. O ego-herói perde a batalha de libertação da *anima* e se torna fragilizado. O homem pode crescer incapaz de desenvolver tanto o seu lado masculino, o ego, quanto o seu lado feminino, a *anima*, tornando-se o *filhinho da mamãe*.

Este parece ser o caso de Camilo: as características culturalmente identificadas tanto como masculinas, quanto como femininas, nele, estão subdesenvolvidas.

Por exemplo, a realização profissional. No século XIX, só aos homens é reservada uma profissão. É uma característica de ego masculino não desenvolvida em Camilo. De fato, o conto nos informa que Camilo era um *ingênuo* na vida prática, sobretudo, não queria ser nada, começou a trabalhar porque a mãe lhe *arranjou* um emprego público. O trabalho conquistado (não um *emprego arranjado*) poderia fortalecer o seu ego fragilizado.

Quanto à sua *anima*, sublinhamos as seguintes características subdesenvolvidas: a receptividade ao amor, à intuição e ao irracional. Todas estas são características consideradas femininas na cultura ocidental. O amor está associado à mulher: mãe e amante. Também supõe-se que a mulher seja mais

intuitiva e receptiva ao irracional do que os homens: desde as sacerdotisas gregas da antiguidade, às cartomantes da modernidade. Pois Camilo não desenvolve em si estas características femininas. O não desenvolvimento da sua *mulher interior* torna Camilo dependente de mulheres exteriores.

Sua dependência com relação à figura feminina (primeiro da mãe, e, posteriormente, das substitutas da mãe) é exemplificada nos seguintes acontecimentos: depois do *desastre* representado pela morte da mãe, foi uma mulher, Rita, quem cuidou do seu desamparado *coração*, substituindo então o amor materno pela paixão. E quando mais uma vez, se viu Camilo em um momento decisivo da sua vida, foi uma outra mulher, a cartomante, quem procurou para aliviar o seu *coração*.

Camilo está sempre à procura do colo materno. Nas situações em que são mobilizadas as suas mais intensas emoções, sua *anima* é projetada numa mãe substituta que há de embalar o seu coração. Até que um dia esta *mãe-anima*, tão sedutora, o trai e o embala até a morte. De fato, veremos que são as três mulheres, a mãe, Rita e a cartomante, que o guiam, direta ou indiretamente, a um fim trágico.

Segundo a psicologia junguiana (FRANZ, 1977), a *mulher interior* de um homem há de influir na sua vida de modo positivo ou negativo. Se por um lado, reconhecida e desenvolvida, a *anima* pode guiar o homem ao paraíso. Se por outro, permanecer inconsciente, poderá significar a própria perdição na vida de um homem. Camilo é um bom exemplo. Vejamos.

Com a morte da mãe, Rita a substitui, torna-se a “enfermeira moral” de Camilo, “quase uma irmã”. Contudo, Rita é “mulher e bonita”, e Camilo, “um ingênuo na vida moral”. Tão ingênuo que, como daí chegaram os dois ao amor adúltero “não o soube ele nunca”. Da influência da mãe, Camilo passou à influência da amante: “quis sinceramente fugir, mas já não pode”. O adultério consumado é sentido como uma batalha perdida: “ficou atordoado e subjugado”, entre “vexame, sustos, remorsos”, a “batalha foi curta”. (ASSIS, 1997, p. 479)

Camilo revela-se então receptivo a um tipo de amor: o proibido. Apaixona-se pela mulher do seu melhor amigo. A receptividade ao amor, característica subdesenvolvida de sua *anima*, irrompe na sua vida de um modo negativo. Camilo não deu atenção a esta face (e a outras) da sua “mulher interior” e é por isto cobrado. Sua *anima* é, a princípio, sua inimiga e o seduz, através de Rita, a uma situação perigosa de adultério. No rosto de Rita, uma dama provinciana “formosa e tonta”, sua *anima* revela uma face primária e vulgar. A vulgaridade de uma atrai a da outra: “Não tardou que o sapato se acomodasse ao pé”. (ASSIS, 1997, p. 479)

A *anima* é sobretudo visível quando projetada na mulher por quem o homem se apaixona. Existem quatro estágios no seu desenvolvimento, o primeiro corresponde à figura de Eva, a mulher que seduz Adão, e representa o relacionamento puramente instintivo e biológico (FRANZ, 1977). É o caso da *anima* subdesenvolvida de Camilo. Sua face de *Eva-Serpente* é sobretudo visível na seguinte projeção em Rita: “Rita, como uma serpente, foi-se acercando dele, envolveu-o todo, fez-lhe estalar os ossos num espasmo, e pingou-lhe o veneno na boca.” (ASSIS, 1997, p. 479).

Camilo é *envenenado* por sua *anima*. Por não reconhecê-la, não consegue desenvolver o antídoto que poderia salvá-lo. Permanece preso à teia do adultério até ser engolido por um fim trágico.

Quanto às suas outras características femininas subdesenvolvidas: a receptividade à intuição e ao irracional, o conto é explícito: Camilo não tinha “intuição”, era um “ingênuo”. Diante do irracional, representado pela cartomante, não se mostrou, de início, receptivo, tinha a consciência de que “não acreditava em nada”, nem em “superstições”, nem em “crendices”. (ASSIS, 1997, p. 478)

Aqui importa considerar dois outros conceitos da psicologia analítica (FRANZ, 1977), o de sombra (no caso, conteúdo do inconsciente pessoal) e o de *persona*. De um modo geral, os conteúdos que o ego rejeita tornam-se sombra, os que aceita, tornam-se *persona*. Se a sombra é o rosto que ocultamos nas relações com os outros, a *persona* é o que revelamos. A sombra possui qualidades pouco recomendáveis às convenções sociais, já a *persona* é compatível com estas convenções. *Persona* e sombra são opostos - por exemplo, se uma é racional, a outra é irracional.

Considerando que a sociedade brasileira oitocentista – o conto se passa por volta de 1869 – sofria um intenso processo de europeização, ou seja, de adoção dos valores de uma Europa racional e positivista, é compreensível que Camilo procure adotar uma *persona* racional, reprimindo uma sombra irracional. Outra vez, o conto é explícito - ao saber da consulta de Rita à cartomante, Camilo ri e pensa consigo mesmo:

Não queria arrancar-lhe as ilusões. Também ele, em criança, e ainda depois, foi supersticioso, teve um arsenal de crendices, que a mãe lhe incultiu e que aos vinte anos desapareceram. No dia em que deixou cair toda essa vegetação parasita, e ficou só o tronco da religião, ele, como tivesse recebido da mãe ambos os ensinamentos, envolveu-os na mesma dúvida, e logo depois em uma só negação total. Camilo não acreditava em nada. (ASSIS, 1997, p. 478).

Note-se o quanto a receptividade à intuição e ao irracional são consideradas, de fato, características femininas na cultura ocidental (procedentes da *mãe-anima*). Características que a *persona* racional e positivista do homem oitocentista *deixa cair* para dentro da sua sombra.

Podemos afirmar então que a *anima* de Camilo, em sua face intuitiva e irracional, quando projetada contamina-se com a sombra do homem oitocentista. Portanto, é com esta *anima* sombria que Camilo terá que prestar contas.

O seu fim trágico é vislumbrado ao receber o bilhete de Vilela. Camilo então desconfia de que o adultério tenha sido descoberto. A caminho da casa do amigo, o Acaso pára o seu tílburi próximo à casa suburbana da cartomante: “nunca ele desejou tanto crer na lição das cartas” (ASSIS, 1997, p. 481). Camilo, que não consultava a sua “mulher interior”, de repente deseja consultar esta mulher exterior. Num momento decisivo da sua vida, quando estão mobilizadas todas as suas emoções, sua *anima* sombria é projetada na cartomante – e a reprimida crença em *superstições* irrompe do seu inconsciente:

A agitação dele era grande, extraordinária, e do fundo das camadas morais emergiam alguns fantasmas de outro tempo, as velhas crenças, as superstições antigas [...] fez um gesto incrédulo: era a idéia de ouvir a cartomante, que lhe passava ao longe, muito longe, com vastas áreas cinzentas; desapareceu, reapareceu, e tornou a esvair-se no cérebro; mas daí a pouco moveu outra vez as asas, mais perto, fazendo uns giros concêntricos [...] (ASSIS, 1997, p. 481).

Camilo olha para a casa. “Dir-se-ia a morada do indiferente Destino” (ASSIS, 1997, p. 481). Dependente do colo materno, consultaria à cartomante se deveria ir ou não à casa do amigo?

A casa olhava para ele. As pernas queriam descer e entrar... Camilo achou-se diante de um longo véu opaco... pensou rapidamente no inexplicável de tantas cousas. A voz da mãe repetia-lhe uma porção de casos extraordinários. (ASSIS, 1997, p. 481).

É a voz da própria *mãe-anima* quem o guia. Quando deu por si estava ao pé da porta. Subiu a escada e bateu. A cartomante veio, uma italiana com

“grandes olhos sonsos”, uma versão moderna e vulgar das sublimes sacerdotisas gregas. Sua vulgaridade atrai a projeção da alma primária e vulgar de Camilo. Consultada, a cartomante alivia o seu coração: Vilela nada sabe. Não há o que temer. Camilo, embalado com a previsão “maternal” das cartas, revela-se completamente seduzido por esta projeção da sua *anima* sombria: “Era assim, lentas e contínuas, que as velhas crenças iam tornando ao de cima, e o mistério empolgava-o com unhas de ferro.” (ASSIS, 1997, p. 483).

São mesmo “unhas de ferro”, marcadas de sangue, que o espreitam no seu curto futuro. Camilo revela-se uma presa fácil das *garras* da sua *mulher interior* que o seduz para traí-lo. Quando chega à casa do amigo, é morto a tiros e cai ao lado do corpo de Rita. As mulheres significam de fato a sua perdição. A cartomante - o próprio título do conto - sintetiza o relacionamento de Camilo com o feminino: uma estória de dependência, traição e morte.

Seu fim é trágico, mas vulgar. Na sua vida, sobram vulgaridades. Camilo não conquistou a *sublimidade* da *anima*, nem a *dignidade* do ego-herói, permaneceu um *ingênuo* – dependente da mãe. Seu pecado mortal é a dependência materna; sua punição é morrer por traição. É a própria voz da *mãe-anima*, projetada na cartomante, que o seduz e trai, embalando-o até a morte.

CONCLUSÃO: O BRUXO DO COSME VELHO

“Machado de Assis está dizendo coisas que Freud diria 25 anos depois.”

Roberto Schwarz

É nossa esperança que este artigo tenha conseguido, aproximar-se de suas pretensões de interdisciplinaridade entre os campos de estudos machadianos e junguianos. Já é relativamente considerável a bibliografia sobre Machado de Assis e Freud. O mesmo não se pode dizer de Machado e Jung. É verdade que foi o próprio Jung (1985) quem, de certo modo, desencorajou o estudo das obras psicológicas a partir da sua psicologia, preferindo antes estudar as obras visionárias. Contudo, também foi o próprio Jung (JUNG, 1985, v. XV) quem nos ensinou a desconfiar de unilateralidades. De qualquer modo, como crítica literária, penso que a psicologia analítica tem a contribuir, e muito, para a leitura de Machado de Assis - e espero ter conseguido, neste trabalho, traduzir em palavras o meu pensamento: Machado também está dizendo coisas que Jung diria muito tempo depois.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **A cartomante**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. (Obras Completas, v. II).

JUNG, Carl Gustav. **O espírito na arte e na ciência**. Petrópolis: Vozes, 1985. (Obras Completas, v. XV)

FRANZ, Marie-Louise von. O processo de individuação. In: JUNG C. G. et al. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977. p. 158-229.

SILVEIRA, Nise da. **Jung: vida e obra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.